

Capítulo Geral da Ordem Cisterciense

Ariccia, 21 de outubro de 2022

Discurso conclusivo do Abade Geral Mauro-Giuseppe Lepori

Caríssimas Irmãs e caríssimos Irmãos,

chegamos ao fim do nosso Capítulo Geral. Certamente estamos cansados, porque foi muito o trabalho, e não poucos problemas de saúde nos acompanharam ou pelo menos nos ameaçaram durante esses dias. Também fomos provados por momentos de tensão entre nós, como é justo e até necessário que haja durante um Capítulo Geral, porque este não é umas “férias romanas”, mas um canteiro de obras, o da edificação contínua de nossa Ordem. O canteiro de obras está sempre aberto, sempre ativo em cada Congregação, em cada comunidade, em cada um de nós, porque a obra a que nos dedicamos é o advento do Reino de Deus na história. A obra é seguir Jesus Cristo que em seu Corpo, que é a Igreja, obedece ao desígnio de amor do Pai, que abrange toda a história do mundo, da humanidade, para conduzir-nos todos juntos à vida eterna (cf. RB 72,12). Esta obra é animada pelo Espírito Santo, o Espírito de comunhão no amor, que nos permite agir segundo a verdade na caridade (cf. Ef 4,15).

A fraternidade que vimos crescer entre nós nestes dias é a prova de que o Senhor atendeu ao nosso pedido do dom do Espírito Santo mais do que esperávamos. Algo maior do que nossos desejos e esforços aconteceu entre nós. A graça trabalhou e trabalha, a graça de uma comunhão fraterna, de uma sabedoria, de uma alegria que não cessa de nos surpreender. Deus sabe e sempre quer trabalhar entre nós e em nós mais do que somos capazes. Este é o carisma, o dom da graça que Deus nunca se arrepende de nos dar. Nestes dias renovamos assim a experiência que o carisma cisterciense que nos une, também com os outros membros da Família Cisterciense e Beneditina, permanece vivo e se renova continuamente, não por nossa causa, mas porque Deus é bom conosco e com todos, conosco para todos.

Por isso, a atitude que sempre somos chamados a deixar arder em nós é a de gratidão para com Deus e uns para com os outros. A gratidão é a festa dos filhos de Deus para com o bom Pai, porque "a sua misericórdia é eterna" (Salmo 135), porque nos acolhe a todos de novo, abraça-nos a todos e agarrando-se a Ele, nos mantém juntos, mesmo e sobretudo se estivéssemos divididos, separados como os dois filhos da parábola do pai misericordioso (Lc 15,11-32), divididos nos sentimentos, nos juízos, divididos pelos nossos erros, pela nossa fragilidade e sobretudo pelo orgulho que sempre mina nosso coração. Na experiência do abraço do pai, a unidade fraterna se recompõe, renasce, ressuscita, como o sol que dissolve a noite e a neblina que o escondia de nossos olhos.

Experimentamos este abraço do Pai no encontro com o Papa Francisco em 17 de outubro. Era palpável como o encontro com ele, seu acolhimento e caridade, sua palavra, renovou em nossos corações e em nossos rostos a alegria de estarmos juntos, de caminharmos juntos. O Papa despertou em nós a esperança, aquela que o maligno quer nos roubar. "O essencial - disse-nos o Papa - é não deixar que o maligno roube a nossa esperança! A primeira coisa que o maligno procura é roubar a esperança".

Sim, a grande tentação para nós e para toda a Igreja é perder a esperança, de viver nossas fragilidades como algo que extingue o carisma em nós. Mas também perder a esperança vivendo com orgulho a vitalidade que também nos é dada, como se fosse mérito nosso e não uma graça de Deus ao serviço de todos. São Bento nos convida, no cume de todas as boas obras e virtudes, a "nunca desesperar da misericórdia de Deus" (RB 4,74). O fundamento inabalável da nossa esperança, a rocha muito sólida sobre a qual se funda a esperança, é a misericórdia de Deus, a ternura do Pai, a mansidão humilde do Coração de Cristo, a Consolação do Espírito. Os pais e mães da nossa vocação, como São Bernardo, chamam-nos com beleza e energia a redescobrir a firme esperança da fé na caridade de Deus para conosco, a redescobri-la na amizade de Deus que sempre podemos encontrar e que regenera e nutre a amizade entre nós.

É com esta esperança que devemos partir do Capítulo Geral, para levá-la a todos os nossos irmãos e irmãs, a todos aqueles que de tantas maneiras nos são confiados em nossas comunidades ou nas obras pastorais, educativas, de acolhimento e missão que nos foram confiadas. Mesmo todos os documentos que conseguimos elaborar ou renovar, para sustentar a vida da Ordem, seu bom governo, a comunhão entre Congregações e comunidades, a formação e a capacidade de crescer ou diminuir com alegria pascal, todos esses documentos não serviriam a nada se não sustentassem nossa esperança no Espírito "que é Senhor e dá a vida" (*Creio*).

É para manter viva a esperança que somos chamados a caminhar juntos, ajudando-nos, encorajando-nos mutuamente, corrigindo-nos se tomamos caminhos errados ou perigosos. É para manter viva a esperança que somos chamados a ouvir uns aos outros, sem medo das nossas diferenças. Escutando-se com verdade, sempre descobrimos que existe entre nós um fator de unidade e amizade que é mais profundo do que qualquer coisa que possa nos dividir. Jesus entre nós é sempre mais forte e verdadeiro do que o maligno que quer nos dividir. Não nos cansemos de experimentar a vitória de Cristo no meio de nós, no meio das nossas comunidades!

Mas percebo que, desde que ouvi o discurso que o Papa Francisco nos fez na audiência de 17 de outubro, que não me canso de reler, percebo que suas palavras são o resumo mais belo e útil de nosso Capítulo. O Papa enfatizou de modo belíssimo o nosso carisma, a nossa vocação, a nossa missão. Mostrou-nos toda a beleza do caminho que nos é pedido para percorrermos juntos.

O Papa nos lembrou que a comunhão já é em si mesma a meta do caminho, um destino que alcançamos imediatamente, porque é um caminho que segue Jesus, a fonte, a substância, a consistência, a realização da comunhão trinitária que nos é doada por Ele e n'Ele. O Papa nos lembrou uma coisa fundamental: que só olhando para Cristo podemos caminhar juntos.

Jogando com o "subtítulo" que se dá à nossa Ordem, o da "comum observância", Francisco nos chamou o coração místico de nossa vocação comum: a contemplação de Jesus Cristo vivida em todas as etapas do caminho da vida.

O Papa Francisco nos dizia:

«*Comum observância*, portanto, como um *caminhar juntos* atrás do Senhor Jesus, para estar com Ele, ouvi-lo, “observá-lo”... Observar Jesus. Como uma criança que observa seu pai, ou seu melhor amigo. Observar o Senhor: seu jeito de fazer, o seu rosto, cheio de amor e paz, às vezes indignado diante da hipocrisia e do fechamento, e também perturbado e angustiado na hora da paixão. E esse observar, faze-lo juntos, não individualmente, faze-lo em comunidade. Faze-lo cada um com seu ritmo, certamente, cada um com a própria história única e irrepetível, mas juntos. Como os Doze, que estivam sempre com Jesus e caminhavam com Ele. Eles não se escolheram, Ele os escolheu. Nem sempre foi fácil se dar bem: eram diferentes uns dos outros, cada um com suas "arestas", e seu orgulho. Nós também somos assim, e também para nós não é simples irmos juntos em comunhão. No entanto, este dom recebido não deixa de nos surpreender e de nos dar alegria: ser sua comunidade, assim como somos, não perfeitos, não uniformes, não, não assim, mas *com-vocados*, envolvidos, chamados a ser e caminhar juntos atrás d'Ele, o nosso Mestre e Senhor." (Audiência de 17.10.22)

Todo o discurso do Papa Francisco terá que nos acompanhar nos próximos meses e anos, teremos que meditá-lo e aprofundá-lo juntos, precisamente como síntese do que este Capítulo Geral nos deu para viver e compreender. A audiência com o Santo Padre é parte integrante deste Capítulo Geral e é o seu coração. É como se Pedro tivesse vindo falar entre nós, confirmando a nossa fé, renovando a caridade fraterna entre nós e reavivando a nossa esperança. O mais rápido possível, disponibilizaremos o discurso do Papa em todas as línguas da Ordem. E sou grato ao Senhor e à Igreja por poder retomar o caminho de abade geral, tão imperfeito, trazendo comigo este novo mandato assim como o Papa nos expressou, mas também enriquecido por instrumentos pastorais que elaboramos juntos nestes dias.

Caminhemos juntos! Juntos com todas as diferenças que tornam rica e bela a nossa vida. Há diferenças que dividem, e delas devemos nos livrar com a ajuda do Senhor. Mas há diferenças que aumentam o esplendor sinfônico de nossa Ordem, e estas devemos valorizar, ama-las e estima-las uns nos outros, com gratidão.

E gratidão é também a minha última palavra no final deste Capítulo Geral. Gratidão a cada um de vocês que estão aqui, e também aos que não puderam vir ou tiveram que partir mais cedo. Gratidão a todos os operários deste grande canteiro do Capítulo Geral: em primeiro lugar e sobretudo o Pe. Procurador Lluç, depois os membros da comissão preparatória, das várias comissões sobre os vários temas tratados, aos moderadores, a Ir. Andrea de Pra 'd Mill por seu trabalho incansável como notário! Gratidão ao secretariado, Agnese, Piotr, Annemarie, e aos tradutores e tradutoras (Annemarie Schobinger, Pe. Lluç, Pe. Steven de Dallas, Ir. Andrew de Phuoc Son, Pe. Guilherme de Claraval, Pe. Gregorio de Jedrzeow, ...), aos intérpretes! Gratidão aos especialistas que nos acompanharam! Gratidão a quem tornou bela nossa liturgia! Gratidão a quem nos acolheu e serviu nesta Casa! Gratidão a Dom Vladimir pelo tratamento médico com o qual ajudou a nos proteger e também a nos curar do Covid!

Estou também muito grato pelo Conselho todo novo que me foi dado, sem esquecer, no entanto, a gratidão para com os Conselheiros cessantes que serviram a Ordem durante tantos anos, em particular Madre Hildegard, Dom Vladimir, Madre Kandida, para dizer apenas três nomes!

Gratidão também pelo novo Sínodo que elegemos, no qual muitas forças jovens poderão renovar o dinamismo sinodal do nosso caminho.

Gratidão à Virgem Maria que nos protegeu com sua intercessão, e aos santos que nestes dias rezaram particularmente por nós!

Acima de tudo, agradeçamos sempre a Deus, fiel aos seus dons e que nunca deixará de nos chamar e enviar a viver o carisma cisterciense na Igreja e para a Igreja!

Como o Papa nos pediu: olhemos para Cristo, observemos Cristo! Não tenhamos os olhos fixos em nós mesmos, e não examinemo-nos uns aos outros! Ou se o fazemos, façamos para reconhecer Jesus presente em cada um de nós, Ele, o verdadeiro esplendor de cada rosto, de cada vida; Ele, a verdadeira alegria de cada encontro entre nós e com todos!